



PREFÁCIO

José Martinho

Um prefácio ou um posfácio para o *Amadeu de Souza-Cardoso, A Força da Pintura, Arte – ressonâncias modernas e contemporâneas* do Luís de Barreiros Tavares? Porque não, mesmo - e até porque - não encontrarão neste livrinho a mínima referência à psicanálise?

No entanto o pedido feito a um psicanalista supõe um saber de que o autor se sente ainda privado, diferente como tal do conhecimento e erudição dos variados críticos de arte, ensaístas, filósofos e outros pensadores que vai enumerando na sua interpretação de Amadeo.

Da ressonância das interpretações o psicanalista limita-se a escutar o equívoco a que se atém o saber inconsciente, sem concluir que este possui a exclusividade do gesto criador.

O artista terá sempre de se haver com a incomodidade que se separa desse encadeamento primário dos significantes que o determinam como sujeito.

Esta modulação ou até manipulação do gozo faz com que o artista preceda sempre o psicanalista que se debruça sobre a sua arte. Convém, pois, que este não brinque ao biógrafo, ao psicólogo ou até ao cientista para dar conta do sujeito e do objeto do artifício.

Atravessando a muralha deste pequeno livro sobre Amadeo deparou-me basicamente com duas maneiras de ler a sua pintura: a que se interessa pela forma (zigzagues, figuras, *collages*, *pochoirs*, etc.) contentora do sentido decifrado, e a que, se espalhando com a matéria, vai reduzindo a mentira.

Amadeo está-se nas tintas para a incompreensão do ambiente que o rodeia, mas também para as habituais dicotomias (figura/fundo, volume/espço, abstrato/concreto, etc.) com que aqueles que supostamente sabem pensar classificam as obras. Não se importa de lhes dizer que é «impressionista, futurista, cubista, abstracionista, de tudo um pouco». Até «obstrucionista» - como também lhe chamaram -, se assim o entenderem.

Herdeiro, precursor e sempre capaz de ser confundido com nomes mais célebres do que o dele, Amadeo não procura, todavia, traçar uma barreira à volta da sua arte para a proteger da dos outros.

Peguemos apenas numa das suas pinturas - *Littoral - Tête* ou *Cabeça*, Aguarela sobre papel, 25,3 x 16,3 cm, c. 1915 - CAMFCG. -, e elevemos o seu título a emblema do feito.

Esta cabeça litoral não é propriamente o retrato berrante de uma *persona* encontrada na paisagem, nem um elemento da série (n+1) das Cabeças Oceânicas, mas o que se passa na cabeça do pintor antes que haja pintura.

Amadeo é litoral. O litoral não é uma fronteira traçada arbitrariamente num território homogéneo para distinguir amigos e inimigos, mas uma linha de geometria variável, como a que se esboça nos recuos e avanços do mar sobre a terra.

Uma mesma faixa, pois, para o heterogéneo, a mulher e o homem, o sul e o norte, o estranho e o familiar. É o lá fora cá dentro e o cá dentro lá para fora. É Amadeu trazendo para Portugal o que se vai criando no estrangeiro e levando Portugal para novos horizontes.

Assim, Amadeo pode simultaneamente reivindicar a inspiração que lhe veio dos pintores primitivos, dos espanhóis, franceses e russos, da escultura e da arquitetura da cristandade, da virtude cavaleiresca, mas também dos marinheiros e pescadores da costa atlântica portuguesa, das cores do folclore minhoto e de muitas outras coisas típicas.

Quer rode como um disco, isto é, em círculo, se estique como uma reta, ou se feche num ângulo, quer se desenvolva em triângulo ou em quadrilátero, a linha-litoral é a que desenha melhor em Amadeo o terceiro não-excluído, seja a intersecção dos infinitos onde pode emergir o quarto que a arte tenta enquadrar.

Abordar este quarto como o objeto da fantasia que sustém a realidade do artista não é a mesma coisa que vê-lo apertar-se com o nó do seu sintoma.

À arte reflexo e reflexão sobre um mundo mais ou menos prazeroso, sempre em crise ou até caminhando para a sua perda, contrapõe-se o saber-fazer do artista com o real que perturba toda ilusão estável.

A psicanálise que me mobiliza ensina que o sintoma é aquilo que cada um tem de mais singularmente real. Ninguém se admire, pois, que seja por essa via que Amadeo tenha tentado a sua sorte no campo de gravitação, imaginário e simbólico, da Modernidade artística.

Sorte grande, se acreditarmos que a única grande mostra da sua arte em Portugal foi para além do mito e do passado histórico da Nação. É, pelo menos, a opinião do grande Almada Negreiros, quando deixou escrito, preto no branco, que Amadeo foi «a primeira Descoberta de Portugal na Europa do século XX»; acrescentando que, «a Descoberta do Caminho Marítimo prá Índia é menos importante que a Exposição de Amadeo de Souza-Cardoso» (José de Almada Negreiros, Exposição de pintura: Amadeo de Souza Cardoso, Liga Naval de Lisboa, 1916).

Como acontece muitas vezes, a morte de Amadeo veio desvelar a nova verdade que a censura procurou velar.

Quando a gripe espanhola galgou Portugal interrompeu bruscamente o canto de cigarra do ainda jovem Amadeu. Ficou para o deleite privado do público o estilo camaleónico do homem, de um pintor de quem, como aqui e agora, se continuará certamente a falar.

José Martinho (jomartinho@yahoo.com)

Sevilha, Novembro 2016

